

AS HERANÇAS DO IMAGINÁRIO BEAT

Luiz Gonzaga Godoy Trigo

(Bacharel em Turismo — IAC/PUCCAMP)

Introdução

A literatura **beat** chegou ao nosso país, traduzida e publicada pelas editoras **Brasiliense** e **L & PM**, quase trinta anos depois de seu surgimento nos Estados Unidos. Fez um sucesso estrondoso.

Por que o atraso de três décadas ? Por que o sucesso ?

O atraso na publicação da literatura **beat** no Brasil, pode ser relegado nos dez ou quinze primeiros anos, ao nosso atraso cultural em relação ao primeiro mundo, nas décadas de 50 e 60.

Além deste atraso inicial, houve as complicações com a instauração da ditadura militar a partir de 1964. Como é que os nossos tutores fardados iriam permitir a publicação de livros repletos de sexo, baixo calão, drogas, revoltas e vadiagem ? Os **beats** continuaram banidos do espaço cultural da maior parte da população, sendo acessíveis apenas à intelectuais de esquerda que pudessem ler em inglês e espanhol as obras traduzidas, ou que tivessem alguém para trazê-las clandestinamente do exterior ou que fossem pessoalmente até lá, precisariam ainda possuir informação suficiente para procurar este tipo de material literário.

Mas os produtos **beats** chegaram ao Brasil, e aqui se estabeleceram, mesmo que nós, na maioria das vezes, não soubéssemos que o que estávamos vestindo, comendo, lendo, falando ou ouvindo, tivesse suas origens em um tumultuado momento da década de 50, na terra do Tio Sam. Pelas rodovias e becos sórdidos da América, pelas praias, montanhas e

monótonas cidades, crescia uma indignação e um movimento que perturbaria a vida dos países de quase todo o mundo na década de 60 e até na de 70. E agora, em plena década de 80, ainda sofremos estas influências distantes. Porém, no momento, podemos beber na fonte de seus autores: ler o que houve e como foi em determinado momento toda uma "ordem universal" foi subvertida.

Este trabalho pretende esboçar o contexto, comentar alguns primórdios e algumas influências póstumas do movimento e das pessoas que mudaram a cabeça de grande parte do planeta nos meados da segunda parte do Século XX: os **beats**.

As origens

Beat é antes de mais nada, como os próprios autores se definem, um estilo de vida. Não apenas impressões à margem da sociedade, do modo de produção e da cultura oficial, mas uma vivência anômala, perversa e contrastante em relação ao modo de vida coletivo e aprovado pelas famílias, pelos governos e pelas igrejas.

Esta atitude não é tão recente e nem foi sempre padronizada, como os textos de Allen Ginsberg, Jack Kerouac, Gary Snyder, Gregory Corso, Lawrence Ferlinghetti, Neal Cassidy, Peter Orlovsky e William Burroughs nos reportaram. Está certo de que estes principais membros (nenhuma mulher, infelizmente) do movimento badernaram tudo o que tinham direito, e nos tocaram porque vivemos nesta mesma sociedade, mas muitos outros, através da história procederam de modo similar e até influenciaram estes jovens rebeldes, sujos, curtidores e depravados.

Não sabemos como é que homens do início do período histórico portavam-se à margem das sociedades de seu tempo. Um dos pontos primordiais do problema é o escape da frustração e monotonia de um modo de produção, qualquer que seja, tanto que os gregos consideravam ser dotes do homem livre atividades que não tivessem relação com trabalho físico ou de produção de bens. É verdade que contavam com a ajuda de escravos provenientes de guerras de conquista para embasar o seu ócio civilizado.

No auge do Império Romano (60 d.C.), Petrônio escreveu uma história na qual dois rapazes, viajavam despreocupadamente pelos confins do Império. É **Satiricon**, onde por entre os luxos e delícias da vida urbana ou em alguns momentos, bucólica, todos se divertem e viajam sem jamais se preocupar com trabalho. Os escravos e as classes mais baixas é que cuidavam de prover o sustento de todos.

Este foi um dos textos que deve ter inspirado o francês Jacques Martin, a desenhar os álbuns em quadrinhos **Alix** onde o

personagem que dá nome aos álbuns, anda à vontade pelo mesmo Império Romano acompanhado de seu amigo Enak e apadrinhados em muitas das aventuras por Júlio César. Lembra bastante **Satiricon** e nos induz a ver nestas histórias uma versão séria e adulta de **Asterix, o Gaulês**. Também nem **Alix** os seus amigos trabalham, apenas dedicam-se à atividades nobres ou guerreiras.

As pessoas que na Idade Média saíam de suas aldeias e cidades e empreendiam uma peregrinação à Terra Santa, estavam imbuídos de certo modo, da alma **beat**. Francisco de Assis e Inácio de Loyola romperam com as sociedades de seu tempo. Porém Inácio foi mais pragmático e menos idealista que Francisco, fundando uma ordem religiosa que em pouco tempo era um dos pilares intelectuais da Igreja Católica. Os jesuítas foram e são mantenedores da ordem católica no mundo e diretamente ligados ao Papa, mas o seu fundador, de alguma maneira foi um desviado da ortodoxia de seu tempo.

Não podem ser considerados **beats** os navegadores que descobriram novas terras e circunavegaram o globo, pois os movia uma ânsia de lucros e novos mercados para conquistar: porém, com certeza, alguns de seus marinheiros estavam imbuídos de tal espírito, para passear e desfrutar da vida, deixando a produção em segundo plano.

Marco Polo é um **beat** dúbio. Ele deve ter-se divertido bastante em suas viagens, mas era um explorador em potencial, como os exploradores geográficos e antropológicos contemporâneos. Pesquisador, diplomata e estudioso de outras culturas, Marco Polo fez um trabalho complexo em suas viagens. Os **beats** também nos legaram textos profundos, mas isto foi decorrente de seu modo de vida. Não foi para isto exatamente que eles viveram de determinada maneira.

Uma aguçada crítica aos modos de produção foi feita por Paul Lafargue em seu texto **O Direito à Preguiça**, onde o autor, que era anarquista e genro de Karl Marx (Marx não gostava muito de Lafargue), explicita que trabalhar é um hediondo tormento e uma invenção ideologizada para que muitos produzam e poucos aproveitem e desfrutem da maior parte dos bens produzidos. Cita os povos do chamado "Modo de Produção Asiático", relatando que as castas nobres, sacerdotais e guerreiras eram sustentadas pela massa que se esfalfava no trabalho pesado, fosse este trabalho agrícola, pastoril ou de construção de templos, edifícios, palácios e canais de irrigação.

Lafargue publicou seu livro na França em 1880.

Em 1848, um homem da cidade mudava-se para o campo com a finalidade de viver uma experiência mais, como diríamos hoje, telúrica. Era Henry David Thoreau que, vivendo nos bosques, escreveu **Walden**, nome de um lago nas cercanias de onde construiu uma cabana

com suas próprias mãos, e **A Desobediência Civil**, obra que influenciou Tolstoi, Gandhi, Martin Luther King, além de ser um dos primeiros textos da era moderna a influir nos **beats** e seu modo de vida.

Um outro rebelde do século passado (1819-1892), elogiado até pelo circunspeto e aristocrático Borges por seus dotes literários, foi Walt Whitman.

Como Maiakowski foi o poeta da revolução russa, Walt Whitman captou o espírito da revolução americana. Enfermeiro na Guerra da Secessão, como Hemingway o fora na Guerra Civil Espanhola, “homossexual, recebendo o Espírito Santo da poesia, livre como um Pele Vermelha, como um garimpador de ouro nas Montanhas Rochosas, barbudo como um arbusto da beira do rio, Whitman, o primeiro **beatnik**, vive da longa vida que só uma grande poesia (ou uma grande revolução) irradia.”

Mas Whitman era um adventício. Um profeta do século que ainda estava por nascer.

Em 1945, visualiza-se concretamente a ruptura na malha social que em breve iria alegremente corroer a rançosa estrutura social, tendendo artificialmente à estabilidade do pós-guerra. As coisas não estavam, na verdade, tão definidas e belas como o sistema se esforçava a mostrar.

O herói desta ruptura inicial foi Holden Caulfield, personagem do romance de J. D. Salinger, **The Catcher on the Rye** (**O Apanhador no Campo de Centeio**).

O garoto já estava no auge da **boredon**, expulso da escola, droga-se (na época apenas com álcool, driblando a lei que proibia a venda de bebidas alcoólicas para menores de idade), vadia por sua cidade, medita e tenta encontrar uma saída para a situação na qual nasceu. Agora, Holden Caulfield está em busca. Ele busca algo que ainda não existe, talvez algo que já exista e está escondido, ou algo que infelizmente já não existe ou até mesmo que nunca existiu ou existirá.

O ponto alto do livro é a discussão entre o professor de Holden e ele, onde o sentimento de deslocação de uma pessoa no tempo e no espaço de uma sociedade que o faz se sentir mal, é profundamente explorado. Este romance é o umbral derradeiro entre o comportado jovem retratado por Normam Rockwell e o jovem **beat** seu outro extremo, que despontava na América.

Beat it

Não vou escrever ou transcrever passagens ou comentários dos textos **beat**. É impossível retransmitir o que **Uivo**, **On The Road**, **Almoço Nu** e muitos outros textos causam a nível de sensações nos seus leitores.

Eles devem (se ainda não foram) ser lidos, para que todos nós entendamos melhor o que se passou nestes anos e o que está ainda acontecendo.

Escreverei a respeito das circunstâncias que emolduraram o fenômeno mais louco deste século, os **beats**, início dos lindos anos 60 e posteriores.

Os **beats** não são apenas autores que tratam da marginalização como Jean Genet ou Plínio Marcos. Não contam tampouco comportamentos sexuais alternativos como são os relatos de André Gide, Oscar Wilde, Pier Paolo Pasolini e Darcy Penteado. Mesmo que dois ou três deles fossem homossexuais (Ginsberg e Burroughs).

Os **beats** escrevem sobre uma complexidade que extrapola estes temas. Constroem textos elétricos, repletos de descobertas sensacionais que chocam as pessoas "normais". Eles vivem experiências-limite.

Os **beats** tomaram todas. Álcool, maconha, anfetaminas, barbitúricos, cocaína, heroína, morfina, cogumelos alucinógenos, **peyote** (um cacto mexicano alucinogênico), **Yagé** (chá feito por índios da América do Sul, Noroeste do continente). Viajaram pelos EUA, pela América do Sul e pelo mundo, tanto de carona ou à bordo de navios em trabalhos temporários. Aliás, nunca trabalharam regularmente.

Viveram, ou ainda vivem, em pequenos grupos ou solitários, fazendo o que primeiro lhes apareça na cabeça, realizaram seus desejos e fantasias, mesmo a custo de conseqüências algumas vezes trágicas.

Repugnaram as convenções, criticaram um mundo hipócrita, belicoso, materialista, tecnologicado, injusto, pseudo-moralista e que lhes reservava um lugar socialmente insuportável, uma prisão amarga, onde com o passar dos anos nos enfadonhos trabalhos, pereceria a semente do fantástico que germina em cada homem, mas é geralmente reprimida em troca da segurança burguesa e conforto consumista.

O tédio é um sentimento presente em todas as obras. A fuga, solução tentada interminavelmente em viagens e/ou pelas drogas. O relacionamento aberto e franco com qualquer pessoa, a tentativa de salvar sua própria cabeça da destruição sistemática, que a mediocridade efetuava nos seus semelhantes, é a luta constante destes contra-heróis.

Tédio, fuga, busca, "porra-louquice" de garotos que se revoltavam contra a doideira de nações que se armavam nuclearmente e promoviam guerras para escoar o mercado de produtos bélicos. Que esbanjavam bilhões de dólares enquanto milhões de esfomeados vagavam do lado de fora das muralhas dos potentados.

Seu uivo era uma negativa ao meio que os criou. O meio reprimiu-os, prendeu-os algumas vezes, segregou-os mas seu modo de vida tornou-se cada vez mais aceito por maior número de pessoas e seus hábitos acabaram por mesclar-se com outros hábitos formalmente absorvidos pelo sistema.

Os **beats** foram irônicos, sarcásticos, “sarristas”, irreverentes. Seu discurso insolente, ferino e repleto de palavrões, obscenidades e absurdos inovou a literatura. Muitos conseguiam ser tão ou mais chocantes do que o Marquês de Sade.

A introdução inserida na edição brasileira do **Uivo** e todo o texto **Alma Beat** são bastante elucidativos nos tópicos literários.

Esta revolução escandalizou o mundo. Infuii nos mais diversos setores da vida americana e ocidental, e desaguou com a fúria de uma tempestade nos anos da década de 60. Até hoje seus ventos ainda não se esgotaram.

O AUÊ POSTERIOR

Roberto Muggiati, Paulo Pan Chacon, Antonio Bivar e Pepe Escobar escreveram ensaios sobre as influências musicais sofridas e exercidas pelos **Beats**.

Todo o Movimento Hippie de 1960 bebeu nos **beats** o seu vigor e espontaneidade. Vale relembrar: as roupas coloridas, as flores e o pacifismo, o orientalismo, as drogas e as artes psicodélicas, Timothy Leary o professor de Harvard (foi expulso depois) que pregava o uso de drogas para auto-libertação, o sexo livre e belo, a desobediência e a ironia perante os papais, mestres, religiosos e autoridades em geral, os festivais e o sonho da Era de Aquarius, a revolução mundial e o orgasmo político de 1968.

Segundo Carlos Alberto M. Pereira a chamada contra-cultura que surgiu nessa época, foi “um novo estilo de mobilização e contestação diferentes da prática da esquerda tradicional.” Os ataques eram contra os facistas, mas também contra os estalinitos maçantes e puritanos como os velhos padres e pastores.

O bom era a natureza, carros, motos, naturismo, muita viagem e o que aparecesse na idéia. Não é por nada não, mas nós queremos tudo...

Houve mártires imolados: Jim Morrison (**this is the end my friend**, dramática música de abertura do filme **Apocalipse Now** de Francis Ford Coppola), Jimmy Hendrix, Janis Joplin e mais recentemente John Lennon (**The dream is over...**).

Depois vieram as ditaduras, as guerrilhas, presos políticos, os exilados, torturas, desaparecidos, desilusão. Jovens que se cortaram nos

cacos de um sonho que desmoronava. Chega uma época de **down** que permanece por quase uma década. A revolução jovem recua e o sistema contra-ataca.

Surge na década de 70 a comercializada discoteca e depois o **New Wave**. O movimento **punk** tenta a contestação violenta, mas os **punks** não são muitos, a não ser em alguns poucos países da Europa, EUA e Canadá. Há o **break**, o **freak**, a Inglaterra com dezenas de grupos e movimentos jovens, **gangs** que na crise do desemprego antecipam cenas dos mais pessimistas filmes de ficção científica como **Laranja Mecânica** e **Mad Max**.

É paradoxal a comparação com o Terceiro Mundo. No centro do capitalismo consegue-se uma maior liberdade e tolerância. O **women's lib**, o **gay power**, o **black power**, e a **new lefts**, ficam mais consistentes e garantem importantes espaços para suas manifestações.

A moçada se diversifica em tendências. Alguns se politizam ainda mais, outros se perdem nas suas fantasias místicas, outros ao tornarem-se adultos encaixam-se no sistema e continuam a reproduz-lo, mas muita coisa mudou após estes anos loucos e deliciosos.

A história recente desenrolou-se em um emaranhado de propostas, inúmeras variáveis produziram movimentos que se mesclaram e se dividiram originando outros ainda diferentes. A política e a economia também se reestruturaram em torno das novas questões. E o comportamento individual do homem foi profundamente alterado. Vejamos alguns exemplos variados que, no nosso país refletem a nova mentalidade conquistada.

O antropólogo brasileiro Gilberto Velho descreve os hábitos de jovens casais, em sua tese de doutoramento, que utilizam a maconha como um lazer alternativo. E são jovens que estudaram, casaram-se e trabalham em atividades corriqueiras exatamente como seus pais. Mas são mais descontraídos e fumam maconha assim como outros gostam de um bom vinho ou de uma partida de tênis. A tese é de 1975.

Ainda sobre drogas, no Brasil existem dois grupos religiosos que consomem ritualmente o **Yagé** ou **Ayahuasca**, antiga bebida alucinogênica e medicinal, descoberta por indígenas do Noroeste da América do Sul. Um dos grupos é o **Santo Daime**, mostrado recentemente pela TV Globo e o outro é a **União do Vegetal**, que completou em 1984 vinte e dois anos de idade. A **União** é muito discreta nas suas atividades, surgiu em Rondônia e exportou núcleos por todo o Brasil. Em Campinas, seus participantes são mais ou menos seletos, e dela participam alguns membros da comunidade universitária. Poucos, mas representativos.

Burroughs foi um dos primeiros ocidentais modernos a beber o **Yagé**. Sua experiência está relatada em **Cartas do Yagé**, um bonito relato

dos desconfortos causados pela sua busca de experiências novas. Burroughs dificilmente teria imaginado que, em menos de trinta anos, garotos bem comportados beberiam esta mesma poção em aconchegantes templos situados nos limites dos centros urbanos.

A tecnologia contemporânea (engenharia genética, telecomunicações, informática, astronáutica, física e química) convive pacificamente com o misticismo oriental, indígena, gnóstico, com a liberalidade, e as novas idéias. Estas novas idéias, em alguns casos, são retomadas de velhos conceitos (ou pré-conceitos) de antigas civilizações, em outros, representam alternativas ainda inviáveis, seja por falta de técnica, seja por falta de consciência de grande parcela das massas humanas.

Atualmente o lazer, o esporte, a cultura e as artes marcam bastante a vida cotidiana, mas os miseráveis continuam a se multiplicar. Os problemas transformam-se e as soluções arrastam-se por entre a má vontade e a indiferença dos que se encontram em situação privilegiada. A mudança de mentalidade não foi suficiente para mudar as condições materiais de todos.

Paulo Francis acha que um dia, no futuro, os miseráveis acabarão com o que restar da nossa civilização.

Mas antes de chegar a este meio-termo entre a boa vida de mais pessoas e a péssima existência de outros, momentos de limbo envolveram a vida da maioria da população em muitos países.

Hoje, nós temos parcelas populacionais vivendo bem. Em algumas épocas nós tivemos todos, ou a grande maioria vivendo mal. Foi uma "barra", um pesadelo que em alguns países já está passando.

Down, down, down...

A década de 70, segundo uma frase famosa, foi o lixo da década de 60. E a década de 80 está sendo bem mais do que uma reciclagem deste lixo. Mas examinemos melhor o lixão, vamos sujar um pouco as mãos e lembrar a poluição ainda recente.

Os garotos dos anos 80 não são imunes ao tédio e à perplexidade. Rocco e Antonia, o simpático casalzinho italiano de **Porcos** com **Asas** têm seus anseios, suas decepções e suas esperanças. Questionam a moçada crescida nos anos 60 e se questiona por sua vez. O texto foi escrito por Marco Lombardo Rádice e Lída Ravera, e passa-se na Europa.

Os brasileiros sofreram junto com a América Latina, a decepção pós-1968, e do sonho das transformações sugeridas na época, passaram ao cotidiano cinzento de uma ditadura.

Fernando Gabeira e Alfredo Syrkis, contemporâneos desta fase triste, somente após a anistia em 1981 é que vieram nos contar o que se passou na guerrilha, na clandestinidade, no exílio; e, em um estilo que lembra os **beats**, nós encontramos algumas semelhanças, mas o idealismo já tem uma outra configuração. Já não é pueril ou até mesmo descompromissado. As propostas são outras, feitas em cima de sofrimento, de auto-crítica. Mas Gabeira continuou com uma firmeza muito atuante ao criticar e inovar o Brasil da abertura com suas novas idéias e propostas.

É famosa a história do dirigente do Partido Comunista (não sei se PCB ou PC do B) que foi até o avião, no aeroporto do Galeão, cumprimentar Gabeira por seu regresso ao país e avisar que uma multidão o esperava na estação de desembarque. Ao ver que o ex-guerrilheiro usava um brinquinho, pediu solicitamente que o retirasse, pois pegava mal ver um rebelde usando estes troços, etc...

Gabeira não tirou o brinco. Dias depois foi à praia com sua tanguinha de crochê falando de política do corpo e continuou sua vida pelo país no melhor estilo **beat**.

Outro brasileiro que vagabundeou bastante, em Paris, foi Reinaldo Moraes. Com alguns remorsos por não ter sido preso apesar de ter participado da luta armada, "curtiu" fossas e solidões no exílio voluntário. Viveu como um **beat**. só que mais triste, talvez.

Caio Fernando de Abreu transmite em **Morangos Mofados** um ranço existencial, mas no finzinho do texto "observando os canteiros de cimento", indaga se será possível plantar morangos ali." Ou se não ali, procurar algum outro lugar. Frescos morangos vermelhos. Achava que sim. Que sim. Sim."

Este trecho de Caio Fernando lembra Gabeira quando ele escreve que "... há sempre um sonho acabando para as pessoas que chegam tarde. E sempre um começando...". O texto é **Hóspede da Utopia**.

Estes são sentimentos pós-**beat** que os brasileiros que se revoltaram nos anos 60 escrevem posteriormente, refazendo seus critérios, apontando possíveis saídas para um público encantado com a idéia de abertura política, abolição da censura e anistia. É certo que este mesmo público se comporta como uma criança que lhe tiram o doce e vai chorando para a casa, quietinho, quando lhe negam alguma coisa. Até o final de 1984 não se conseguiu o direito de voto direto. Continua-se com a tutela agora consentida, expressa em acordos nos quais o povo continua à margem do processo.

No melhor estilo **beat** viajou Aleixo Belov, um louro e barbudo homem de quarenta anos de idade, engenheiro, divorciado, que decidiu abandonar tudo e realizar seu sonho. Saiu de Salvador e em treze meses

deu a volta ao mundo num barquinho. Sozinho. A viagem durou de março de 1980 a maio de 1981 e ao regressar escreveu **A volta ao mundo em solitário** e está feliz da vida na Bahia. Um **beat** que vivenciou os oceanos, as tribos dos mares longínquos e que aprendeu que “não tem que ser hoje, tem que ser agora”.

Os textos **beats** ou que pudessem assim ser considerados, foram publicados na década de 70 no Brasil, mas em editoras alternativas, algumas vezes em apostilas, distantes do grande circuito comercial. **Jornal do Brasil**, **Os Últimos Dias de Paupéria** e outras loucuras mais ficaram restritas a públicos especializados em comunicação e artes. A censura impediu sua divulgação pelas grandes editoras.

Lembremos que o **Uivo**, de Ginsberg, foi apreendido em 1956 pela polícia de São Francisco, na Califórnia, logo após uma leitura pública numa galeria comercial. Porém, uma ação na Justiça americana resguardou-lhe os direitos da obra, e a editora **City Lights** publicou o livro, que se esgotou em dias graças à publicidade gratuita que a polícia lhe proporcionou. No Brasil, a Justiça atrelada aos militares semeava a mediocridade artística e cultural (política e econômica também) até fins da década de 70.

Um autor pesado que não pode ser diretamente considerado **beat**, mas que viveu todas as angústias do momento, foi Charles Bukowski, familiarizado junto ao público com a filmagem de seu conto **Crônica de um amor louco**.

E assim os anos 80 foram se definindo com muitas promessas ao lado de muitas amarguras. E amarguras futuras.

O sentimento existencial pessimista e perplexo encontrado em **Almoço Nu**, de Burroughs, permeia a obra de muitos brasileiros. Se não o pessimismo, a loucura desvairada.

Ignácio de Loyola Brandão, no seu triste livro **Não verás país nenhum**, pinta um cenário do Brasil do futuro, onde as contradições já existentes são levadas à conseqüências desastrosas, episódios cujos esboços já são discerníveis no atual momento histórico do Brasil. É um Brasil pós **beat**, é um Brasil **punk**.

Em **A ordem do dia**, Márcio Souza escreve um divertido relato do cotidiano brasileiro atual. As situações absurdas, a cretinice hilariante das classes dominantes e dos dominados, um país onde “a grandeza e a torpeza existem vizinhas, um Brasil surrealista em que não se sabe onde termina a realidade e onde começa a fantasia”.

O que os **beats** fizeram a nível individual ou comunitário, é relatado de modo **beat**, deixando a impressão de que os governantes nossos é que seriam política e economicamente não exatamente **beats**, mas

punks, como o Brasil que Loyola Brandão também vislumbra. Os irresponsáveis alucinados agora estão no poder.

E então...

Por tudo isso a literatura **beat** está fazendo muitos leitores no Brasil, apesar do atraso existente entre sua publicação nos EUA e a tradução e publicação no Brasil.

Fomos muito influenciados pela fonte **beat**. Conhecemos seus efeitos sem ter tido oportunidade de travar contato direto com a sua fonte.

Juntamente com o **existencialismo**, com o **racionalismo**, o **materialismo histórico** e **dialético**, o **anarquismo** é uma tendência que muito se inseriu no nosso cotidiano e **beat** é essencialmente anarquista, no bom sentido.

Um bom caminho para iniciar-se no **anarquismo**, aqui no Brasil, é através dos escritos de George Woodcock, para melhor aproveitar a reflexão que os **beats** nos impõe.

O **anarquismo** hoje caminha por onde os frutos do movimento **beat** ainda deitam novas raízes. A ecologia, o pacifismo, as minorias étnicas, sexuais e raciais, artistas e intelectuais além de parcelas esparsas da população, já se cansaram há muito das velhas técnicas de luta que nos aspectos práticos continuam a reprimir o indivíduo em nome de uma grande sociedade e da futura revolução final que redimirá a todos. Continuam os mesmos caminhos traçados pela escatologia ortodoxa ocidental.

Atualmente existe uma preocupação com aspectos pessoais, aliados à conjuntura social mais abrangente. Preocupa-se com o belo, com o prazer, o lazer, o conforto, a tecnologia bem encaminhada e a natureza preservada.

Não é uma teia onde predominem tendências sectárias e exclusivistas. É uma salada heterodoxa temperada com idéias socialistas libertárias (**anarquistas**), onde as prováveis soluções devem brotar e crescer para então serem analisadas, pelos interessados destas novas comunidades. Se logo ao nascer muitas falhas forem encontradas, passa-se para novas tentativas, mas sempre em cima de um modelo que começou a ser testado.

É sintomático o crescimento de comunidades alternativas onde os cidadãos se retiram dos centros urbanos ou profissionais, por variados motivos.

Carlos A. P. Tavares enumera, somente no Brasil, sete áreas de concentração de tais comunidades. Os motivos são desde a ecologia, tranqüilidade existencial, alimentação não tóxica, naturismo ou refúgio em

caso de guerras ou colapsos econômicos, até motivos mais exóticos como misticismo, refúgios ecológicos, pantefsmo etc.

Nos EUA existem manuais que indicam como sobreviver em caso de grandes catástrofes, incluindo a guerra termonuclear. Um dos textos mais densos e ilustrados, escrito por um **Phd** é **Life After Doomsday** ou na tradução livre **Vida Após o Juízo Final**.

Estas comunidades já ensaiaram sua existência na URSS em 1920, na China em 1958, em Canudos no final do século XIX e hoje jovens denominados **squatters** na Alemanha ou **krakers** na Holanda, organizam-se em movimento para invadir casas abandonadas nelas se instalando.

Nesta linha alternativa e contando com o apoio estatal, ao inverso dos exemplos anteriores, temos os **Kibutz** israelenses.

Neste modo de produção e sociedades alternativas, permeiam as propostas **beat**, juntamente com um amálgama complexo, proveniente das inúmeras propostas heterodoxas, à margem das soluções oficiais e estatais.

A divisão é tênue, muitas vezes quase imperceptível. Sociedades "oficiais" na Califórnia, Norte da Europa, Austrália e Nova Zelândia, vivem aspectos deste paraíso efêmero sonhado por tantos rebeldes. Aí as pessoas trabalham cerca de sete horas por dia, passam de dois a cinco meses por ano viajando, moram em áreas integradas com o lazer e a natureza convivendo em comunidades de bairros. Mesclam a vida urbana com uma filosofia lúdica e hedonista, semitelúrica, repleta de pitadas saborosas do socialismo libertário.

Os mais otimistas pensam que com a informatização das linhas de produção das indústrias, da administração e contabilidade, de processos de extração mineral e agricultura, burocracia e transporte haverá muito mais tempo livre para o ser humano realizar atividades essencialmente criativas. Há também os que pensam que toda esta tecnologia vai nos levar ao **doomsday** ou no mínimo de volta à barbárie inicial. São temas para cientistas sociais e futurólogos.

Sugiro que agora vocês vão ler alguma coisa **beat**, se é que já não leram, e que apesar (ou por causa) de contradições e agonias de alguns dos textos, vocês se divirtam bastante e que estas leituras contribuam para continuar a "fazer a cabeça" de todos.

BIBLIOGRAFIA

- BIVAR, Antonio – O que é punk – São Paulo, Ed. Brasiliense, 1982 120 págs. Col. Primeiros Passos nº 76.
- BUKOWSKI, Charles – Crônica de um amor louco – Porto Alegre, L & PM Editores, 1984, 256 págs.

- BURROUGHS, William S. – **Almoço nu** – São Paulo, Editora Brasiliense, 1984, Coleção Circo de Letras nº 14, 228 págs.
- BURROUGHS, William S. e GINSBERG, Allen – **Cartas do Yagé** – Porto Alegre, L & PM Editores, 1984, 92 págs..
- BURROUGHS, William S. – **Junky, drogado** – São Paulo, Editora Brasiliense, 1984, Col. Circo de Letras nº 09, 161 págs.
- CHACON, Paulo Pan – **O que é rock** – São Paulo, Ed. Brasiliense, 1982, 79 págs. Col. Primeiros Passos.
- COSTA, Mauro Sá Rego – “A beat generation, fora de lugar” – **Folha de São Paulo** (Ilustrada) 18-08-1984.
- ESCOBAR, Pepe – “Ginsberg, o uivo contra a morte” – **Folha de São Paulo**, (Ilustrada) 14-07-1984.
- GINSBERG, Allen – **Uivo, Kaddish e outros poemas** – Porto Alegre, L & PM Editores, 1984, Col. Alma Beat.
- KEROUAC, Jack – **On the road, pé na estrada** – São Paulo, Ed. Brasiliense, 1984, Col. Circo de Letras nº 04, 326 págs.
- LAFARGUE, Paul – **O direito à preguiça** – São Paulo, Kairós Livraria e Editora, 1980, 54 págs.
- MUGGIATI, Roberto – **Rock, o grito e o mito** – Petrópolis, Ed. Vozes, 1981, 3ª ed., 121 págs.
- PEREIRA, Carlos Alberto – **O que é contracultura** – São Paulo, Ed. Brasiliense, 1983, Col. Primeiros Passos nº 100, 98 págs.
- SALINGER, J. D. – **O apanhador no campo de centeio** – Rio de Janeiro, Ed. do Autor, 8ª ed. 180 págs.
- THOMPSON, Hunter – **Las Vegas na cabeça** – Rio, Ed. Anima, 1984, 185 págs.
- Vários Autores – **Alma beat** – Porto Alegre, L & PM Editores, 1984, 185 págs.
- WHITMAN, Walt – **Folhas das folhas da relva** – São Paulo, Ed. Brasiliense, 1983, Col. Cantadas Literárias, 141 págs.
- WOODCOCK, George – **Os grandes escritos anarquistas** – Porto Alegre, L & PM Editores, 1981, 361 págs.